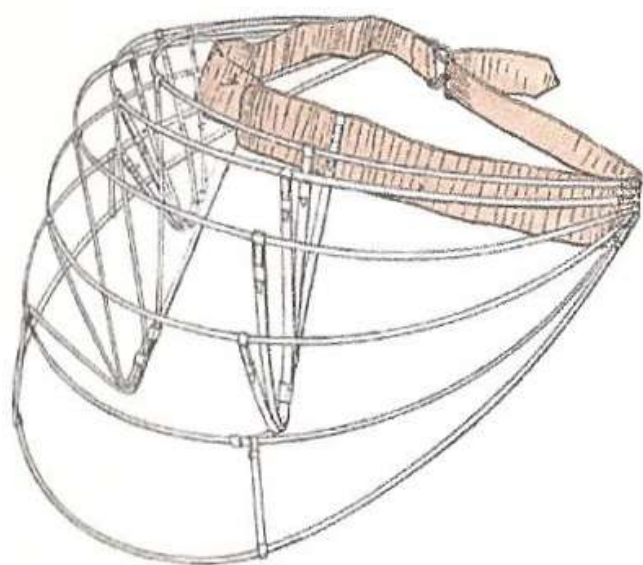




La Fanfarlo/
A Fanfarrona

Charles Baudelaire

A Fanfarrona

Novela de

Charles Baudelaire

Tradução/Notas
/Antonio da Mata

La Fanfarlo¹
A Fanfarrona

Samuel Cramer, que assinou no passado o nome de Manuela de Monteverde em algumas loucuras românticas,— nos bons tempos do romantismo,— é o produto contraditório de um Alemão pálido e de uma Chilena queimada. Junte a essa dupla origem uma educação francesa e uma civilização literária, e você estará menos surpreso, (senão satisfeito e edificado) com as complicações bizarras desse caráter. — Samuel tem a fronte pura e nobre, olhos brilhantes como gotas de café, o nariz atrevido e zuado, lábios impudentes e sexuais, queixo quadrado e tirano, e cabeleira pretensiosamente rafaelesca. — E ao mesmo tempo um grande vagabundo, um ambicioso triste, e um ilustre infeliz; pois ele quase que só teve meias ideias em sua vida. O sol da preguiça que resplandia sem parar dentro dele, lhe vaporiza e devora essa metade de gênio doada pelo céu. No meio de todos esses pobres diabos que conheci na terrível vida parisiense, Samuel foi, mais do que qualquer outro, o homem das belas obras rateadas; criatura doentia e fantástica, cuja poesia brilha bem mais em sua pessoa que em sua obra e que, próximo a uma hora da manhã, entre a alucinação de um fogo fátuo e o tic tac do relógio, sempre me apareceu como o deus da impotência, — deus moderno e hermafrodita—, impotência tão grande e colossal que é quase que um épico!

Como enfiar na cabeça, e ver claramente essa natureza tenebrosa, colorida de vivos flashes, —ao mesmo tempo preguiçosa e engajada, — fecunda em desejos difíceis e risíveis

¹ Essa novela é o primeiro escrito publicado por Baudelaire. Primeira e única publicação em prosa, só veio a ser publicada 2 anos depois de escrita, em 1847. {n.t.}

abortos; espírito onde o paradoxo toma frequentemente as proporções da ingenuidade, e cuja imaginação era tão vasta quanto a solidão e a preguiça absolutas? Uma das esquisitices mais naturais de Samuel era a de se considerar igual daqueles que ele admirava; após uma leitura apaixonada de um belo livro, sua conclusão involuntária era: voilá, é bastante belo para ser meu! — E daí a pensar: é meu então — só precisa do espaço de um travessão.

No mundo atual, esse tipo de caráter é mais frequente do que pensamos; as ruas, os parques, os botequins e todos os asilos da flanaria formigam de seres dessa espécie. Eles se identificam tão bem com o novo modelo, que não estão distantes de crer que eles o inventaram. Se veem hoje penando para decifrar as páginas místicas de Plotino ou Porphyre. Amanhã eles admirarão como Crébillon, o filho, exprimiu bem o lado volúvel e francês de seus caracteres. Ontem, eles se entretinham familiarmente com Jérôme Cardan; veja eles agora jogando com Sterne ou se enfiando com Rabelais em todas as glotonarias hiperbólicas. São tão felizes em cada uma de suas metamorfoses, que não querem menos do que tudo a todos esses belos gênios que os antecederam na estima da posteridade.

— Ingênua e respeitável imprudência! Tal era o pobre Samuel.

Homem muito honesto de nascença e um pouco patife por passatempo, — comediante por temperamento, — ele encenava trancado para si e em si mesmo incomparáveis tragédias ou, melhor dizendo, tragi-comédias. Se se sentia tocado e acariciado pela alegria, tinha que deixar bem claro, e nosso homem se colocava a rir amplamente. Uma lágrima germinada no olho por qualquer lembrança, ele ia ao seu espelho pra se ver chorar. Se qualquer mulher, em um acesso de ciúmes brutal e pueril, lhe arranhava com uma agulha ou um canivete, Samuel se vangloriava de si mesmo por uma luta de espadas, e quando ele devia alguns miseráveis 20 francos, ele gritava alegremente:

— Que triste e lamentável sorte daquele com um gênio atormentado por um milhão de dívidas!

No mais, se guardem de pensar que ele fosse incapaz de conhecer os sentimentos verdadeiros, e que a paixão não fez mais que roçar sua pele. Teria vendido suas camisas prum homem que ele mal conhecesse, e que, à inspeção da fronte e da mão, ele teria tomado ontem como seu amigo íntimo. Trazia nas coisas do espírito e da alma a contemplação ociosa das naturezas germânicas,— e na prática da vida todas as esquisitices da vaidade francesa. Brigaria por um autor morto há dois séculos. Assim como tinha sido violentamente devoto, era ateu com paixão. Era ao mesmo tempo todos os artistas que ele tinha estudado e todos os livros que tinha lido, e contudo, por causa de sua habilidade pra graça, restava profundamente original. Era sempre o doce, o fantástico, o preguiçoso, o terrível, o sábio, o ignorante, o mal visto, o coquete Samuel Cramer , a romântica Manoela de Monteverde. Se enamorava de um amigo como de uma mulher, amava à uma mulher como um camarada. Ele possuía a lógica de todos os bons sentimentos e a ciência de todos os truques, e no entanto nunca foi bem sucedido em nada, porque acreditava muito no impossível. — Quê que tem? Ele tava sempre em vias de coloca-lo em prática..

Samuel, uma tarde, teve a ideia de sair; o tempo estava belo e perfumado. — Ele tinha, segundo seu gosto natural pelo excessivo, os hábitos de dissipação e reclusão igualmente prolongados, e desde muito tempo permaneceu fiel ao seu canto. A preguiça da mãe, o fanatismo crioulo que corria em suas veias o impediam de sofrer com a desordem de seu quarto, das suas roupas e de seu cabelo, oleoso e embaraçado em excesso. Ele se penteia, se lava, pra em alguns minutos ficar igual a alguém que tá sempre arrumado; depois, abre a janela. — Um dia quente e dourado invade seu quarto podre. Samuel se admira de como a primavera veio rápido e sem criar bagunça. Um vento morno e impregnado de bons odores lhe abre as narinas— de onde uma parte subiu pro cérebro, a marmita dos sonhos e dos desejos, e

a outra mexe-lhe libertinamente o coração, o estômago e o fígado. — Ele sopra resolutamente duas velas, onde uma palpitava ainda sobre um volume de Swedenborg, e a outra expirava sobre um desses livros vergonhosos, cuja a leitura não é proveitosa senão aos espíritos possessos por um gosto imoderado pela verdade.

Do alto de sua solidão, afundado em um monte de papel, cheios de botequins e povoada por seus sonhos, Samuel percebia frequentemente, vagando por um caminho da Luxenburgo, uma forma e uma imagem que amou na província, — na idade em que se ama o amor. — Seus traços, se bem que envelhecidos e engordados por alguns anos de prática, tinham a graça profunda e decente da figura feminina; no fundo de seus olhos brilhava ainda, por intervalos, o devaneio úmido da jovem menina. Ela ia e vinha, habitualmente escoltada por uma doméstica muito elegante, cujo rosto e estilo acusavam mais a confidente e amiga que a doméstica. Ela parecia procurar os caminhos abandonados, e se sentava tristemente com a atitude de uma viúva, tendo talvez em sua mão distraída um livro que não lia.

Samuel tinha conhecido ela nos subúrbios de Lyon; jovem, alerta, brincalhona e magra. À força de a ver e por assim dizer reconhecê-la, ele retornou uma a uma todas as miúdas lembranças que se prenderam a ela em sua imaginação; ele recontava a si mesmo, detalhe por detalhe, todo aquele jovem romance, que depois estava perdido nas preocupações de sua vida e nas queixas de suas paixões.

Naquela tarde, ele a saudou, mas com mais atenção e cuidado. Passando na frente dela, ele escutava atrás de si esse pedaço de conversa:

— O que você acha desse jovem homem, Mariette?

Mas isso dito com um tom de voz tão distraído, que o observador mais malicioso não teria nada a dizer contra a dama.

— Mas eu o acho muito belo, madame — Madame sabe que é o M. Samuel Cramer?

E num tom mais severo:

— Como você sabe disso, Mariette?

...

Por isso que no dia seguinte Samuel teve a preocupação de lhe devolver seu lenço e livro, que achou sobre um banco, e que ela não tinha perdido, pois estava perto dali, olhando os pardais disputarem uma migalha, ou com o ar de quem contempla o trabalho interior da vegetação. Como acontece frequentemente entre dois seres cujos destinos cúmplices elevaram a alma a um igual diapasão — começando a conversa bastante bruscamente, — ele teve, todavia, a alegria bizarra de achar uma pessoa disposta a escuta-lo e responde-lo.

—Será que eu seria esse feliz, madame, em saber que eu ainda estou morando nalgum canto da sua lembrança? Estou tão mudado que a senhora não poderia reconhecer em mim um amigo de infância, com quem se dignou a brincar de esconde-esconde e matar umas aulas?

— Uma mulher, responde ela com um sorriso torto, não tem o direito de reconhecer as gentes assim tão facilmente; por isso te agradeço, monsieur, de me ter dado, primeiro, a oportunidade de me lembrar dessas belas e alegres memórias; E também... cada ano da vida tem tantos eventos e ideias... que me parece mesmo que se passaram muitos anos... né?

— Muitos, responde Samuel, — que pra mim parece que foram tão lentos quanto passaram voando, mas mesmo assim, de verso em verso, cruéis!

— E a poesia? Fez a dama com um sorriso nos olhos.

— Sempre, madame! Respondeu Samuel rindo. Mas o que você tava lendo, mesmo?

— Um romance de Walter Scott.

— Tá explicado agora suas frequentes pausas! — Putz! que cara chato!— Um empoeirado espanador de crônicas! Um monte de descrições entediantes de brica-braques, — um tanto de velharias e trapos de todo tipo: — armaduras, vasilhas, móveis, de albergues góticos e castelos melodramáticos, por onde passeiam uns manequins baratos, metidos em vestes curtas e jalecos sarapintados— tipos comuns, que plagiários de 18 anos não iriam querer mais daqui 10; castelãs impossíveis e amantes perfeitamente antiquados, — nenhuma verdade de coração, nada de filosofia nos sentimentos! Que diferença entre nossos bons romancistas franceses, onde a paixão e a moral tão sempre acima da descrição dos objetos! Que importa se a castelã usa veludo ou anquinhas*, ou saiais apertadas de Oudinot, desde que soluça ou traia corretamente? O amante te interessa muito mais por trazer no colete um punhal no lugar de um cartão de visita, e um déspota vestido de preto te causa um terror menos poético que um tirano enrolado em búfalo e ferro?

Samuel, como se vê, se encaixa na classe das pessoas absorventes, — dos homens insuportáveis e apaixonados, nos quais o trabalho estraga a conversa, a quem toda ocasião é boa, mesmo uma amizade improvisada perto de uma árvore ou esquina — que seja a de um maltrapilho, pra desenvolver obstinadamente suas ideias. — A única diferença entre os vendedores ambulantes, os investidores errantes, empreendedores de meia-boca e os poetas absorventes é a que

* {vide capa}

existe do reclame à pregação; o vício desses últimos é completamente desinteressado.

Então a dama lhe responde simplesmente: — monsieur Samuel, não sou, eu, mais que público, seria demais, se dissesse, que minha alma é inocente. Também, pra mim, o prazer é a coisa mais fácil do mundo de achar. Mas falemos de você; Eu me sentiria muito feliz, se o senhor me julgasse digna de ler qualquer coisa sua.

— Mas, madame, como é que é possível...? Fez a grosseira vaidade do poeta espantado.

— O mestre, do meu gabinete de leitura, ele diz, que não te conhece.

Ela sorriu docemente como que pra diminuir o efeito dessa cutucada fugidia.

— Madame, disse imperativamente Samuel, o verdadeiro público do sec. 19 são as mulheres; sua opinião me serve mais do que o de 20 academias.

— Tá bom, monsieur, conto com sua promessa. — Mariette, a sombrinha e a echarpe; devem estar impacientes, lá em casa. Você sabe, meu esposo chega cedo.

Ela lhe fez uma saudação graciosamente encurtada, que não tinha nada de comprometedora, e cuja a familiaridade não excluía a dignidade.

Samuel não se assombra de reencontrar um antigo amor da juventude preso ao matrimônio. Na história universal do sentimento, essa é a tensão. — Ela se chama madame de Cosmelly, e mora em uma das ruas mais aristocráticas do subúrbio de Saint-Germain.

No dia seguinte ele encontra ela, a cabeça inclinada por uma melancolia graciosa e quase que estudada, perto de um muro de flores, e lhe oferece seu volume de Xôfrangos², uma reunião de sonetos, desses que todos já escrevemos ou lemos, no tempo em que se tem o julgamento tão curto quanto os cabelos longos.

Samuel tava muito curioso pra saber se seus Xôfrangos tinham encantado a alma daquela bela melancolia, e se o grito de seus pássaros vilões tinham lhe tocado alguma coisa; mas alguns dias depois ela lhe disse com uma candura e honestidade desesperantes:

— Monsieur, só sou uma mulher e, por isso, meu julgamento é pouca coisa; mas, me parece que a tristeza e os amores, do autor, não lembram nem um pouco, a de outros homens. Você endereça galantarias, fortemente elegantes, e sem dúvida de uma escolha esquisita, à damas que eu estimo de mais pra crer que não se assustem. Você canta a beleza das mães, em um estilo que deve te privar do voto de suas filhas. Fala pro mundo que enlouqueceu pelo pé e a mão de madame tal que, suponhamos, pro bem de sua honra, fica menos tempo te lendo do que tricotando meias ou luvas, pros pés ou mãos de suas crianças. Por um contraste dos mais singulares, e cuja causa misteriosa me é desconhecida, ainda, você reserva suas mais místicas essências à criaturas bizarras, que leem ainda menos do que as mulheres, e se pasma platonicamente frente a reis de lugares baixos, que devem, assim me parece, ao aspecto de um poeta delicado, abrir olhos tão grandes quanto as bestas, que aparecem em um incêndio. No mais, ignoro porque tanto te agrada os sujeitos fúnebres e as descrições anatômicas. Quando somos jovens, e temos, como você, o talento e todas as condições pra crescer a bondade, me parece bem mais natural

² Espécie de abutre. A bíblia diz ser um dos animais que devem ser abominados. {n.t.}

celebrar a saúde e as alegrias honrosas do humano, do que as maldições e de causar com Xôfrangos.

Aqui o que ele lhe respondeu:

— Madame, lastimo, ou melhor lastimamos, porque tenho do meu lado muitos camaradas como eu; é o ódio de tudo e nós mesmos que nos conduz a essas mentiras. É por desespero de não poder ser belo e nobre segundo os meios naturais que mascaramos assim bizarramente a cara. A gente se aplica tanto em sofisticar o coração, abusar um tanto do microscópio pra estudar as hediondas excrescências e as vergonhosas verrugas de que ele tá coberto— e que engrossamos a vontade— que é impossível que a gente fale a linguagem dos outros. Eles vivem por viver, e nós, EIA! A gente vive pra saber. Todo mistério tá aí; a idade não muda mais do que a voz e faz cair uns dentes e cabelos; Alteramos o acento da natureza, cortamos um a um os pudores virginais eriçados no interior de nosso humano honesto. Tomamos os psicólogos por loucos, que aumentam sua loucura se enfiando em compreende-la. Os anos não destroem mais do que os membros, e nós deformamos as paixões. Malditos, três vezes malditos os pais desgraçados que nós fazemos raquíticos e intrusos, predestinados que estamos a não dar a luz senão a mortos-vivos.

Ainda, Xôfrangos! Disse ela; olha só..., me dá teu braço, e admiremos essas pobres flores, que a primavera deixa tão felizes!

No lugar de admirar as flores, Samuel Cramer, a quem a fase e o período estavam vindo, começa a prostrar e a declamar qualquer coisa de malvado, de composição parecida às de cima. A dama deixou rolar a conversa.

—Que diferença! e quão pouco resta do mesmo homem, senão a lembrança! Mas a lembrança não é mais que uma novela

antiquada! ³ Aquele lindo tempo onde a manhã não revela jamais nosso joelho estragado ou rompido pelo cansaço dos sonhos, onde nossos olhos abertos riam a toda natureza, onde nossa alma não pensava, mas vivia e gozava; onde nossos suspiros se enrolavam docemente sem barulho ou orgulho! De uma vez, no ócio da imaginação, eu revejo uma dessas belas tardes outonais onde as jovens almas faziam progressos comparáveis à essas árvores Logo eu vejo, sinto, entendo; a lua revela enormes borboletas; o vento quente traz as belezas da noite; a água das grandes vasilhas se entorna — Escute no espírito as repentinas valsas desse piano misterioso. Os perfumes da laranja entram pelos caixões; é a hora em que os jardins estão plenamente vestidos de rosa e branco...

Madame de Cosmelly interrompeu Samuel por um suspiro, queria abrir a boca, sem dúvida pra lhe implorar que parasse. Mas ele já tinha retomado a palavra:

— Isso é o que tem de mais desolador, é que todo amor leva um fim malvado, tão malvado quanto é divino, mais alado no início. Não existe sonho, por mais ideal que seja, que não vemos de novo com um pimpolho guloso pregado ao seio; Não tem retiro, casinhas tão deliciosas e ignoradas, que a enxada não venha abater. Ainda, essa destruição é toda material; mas existe um outro mais desumano e secreto que ataca as coisas invisíveis. Imagina que no momento em que você se entrega ao ser de sua escolha, e que lhe diz: vamo fica junto e descobrir o fundo do céu! Uma voz implacável e séria inclina-se na sua orelha pra te dizer que nossas paixões são só mentiras, e que é nossa miopia que faz os rostos bonitos e nossa ignorância as almas belas, e que vem em uma idade onde a índole, pra vê-la mais claramente, não é mais que um objeto, não de ódio, mas de desprezo e abalo.

³ Engraçado, porque o próprio Baudelaire, na época em que realizou uma bibliografia de suas obras, “esqueceu” de inserir essa novela, que só viria a ser reconhecida como obra sua alguns anos depois de sua morte. {n.t.}

— Por favor, monsieur, disse madame de cosmelly

Ela estava mesmo comovida; Samuel percebeu que a fera tinha tocado em uma antiga ferida, e insistiu com crueldade.

— Madame, disse ele, as sofrências saudáveis da lembrança tem seu arado e nesse ambiente de dor, a gente encontra talvez um consolo. — A esse fúnebre aviso, todas as almas leais gritam: “ Senhor me leva daqui com meu sonho intocado e puro: quero entregar pra natureza minha paixão com todo sua virgindade leva pra alhures ...”— Depois os resultados da desilusão são terríveis. — As crianças doentes que saem de um amor morto são o triste deboche e a hedionda impotência: o deboche do espírito, a impotência do coração, que fazem com que um não viva senão por curiosidade, e outro se mate a cada dia de lassidão. Parecemos todos mais ou menos um viajante que tivesse percorrido um imenso país, e via o sol sempre de tarde, que antes dourava de encanto o caminho, se pôr num horizonte plano. Senta-se com desistência sobre sujas colinas cobertas de detritos insabidos, e diz às fragrâncias das urzes que elas fazem bem em trepar pro céu vazio; aos grãos raros e tristes, que eles fazem bem em germinar num solo ressecado; aos pássaros que creem que seus casamentos são benzidos por alguém, que é uma ideia torta construir seus ninhos em um lugar varrido por ventos frios e violentos. Ele retoma tristemente sua errância pra um deserto que sabe ser parecido com o que ele acaba de percorrer, vigiado pelo anêmico fantasma, nomeado razão, que ilumina com uma pálida lanterna a aridez de seu caminho; e pra estancar a sede reincidente de paixão que o pega de vez em vez, verte-lhe o veneno do tédio.

Do nada, escutando um profundo suspiro e um soluço mal contido, se vira pra madame de Cosmelly; ela chorava excessivamente e não tinha nem mesmo força pra esconder as lágrimas.

Considerou-a algum tempo em silencio, com o ar mais tocado e brando que podia assumir; o brutal e hipócrita comediante

estava orgulhoso daquelas belas lágrimas, considerava-as sua obra e propriedade literária. Equivocava-se quanto ao sentido íntimo daquela dor, como Mme Cosmelly, afogada nessa cândida desolação, se equivocava sobre a intenção de sua olhada. Houve ali um jogo singular de malentendidos, daí Samuel Cramer lhe esticar definitivamente seu par de mãos, que ela aceitou com uma mole confiança.

—Madame, retomou Samuel depois de uns momentos de silêncio, — o silêncio clássico da emoção, — a verdadeira sabedoria consiste menos em falar mal do que em esperar. Sem o dom totalmente divino da esperança como que gente poderia atravessar esse hediondo deserto de tédio que eu tô te descrevendo? O fantasma que acompanha a gente é mesmo um fantasma de razão: pode-se expulsa-lo aspergindo nele a água benta da primeira virtude teologal. Tem uma amável filosofia que sabe achar consolação nos objetos mais indignos na aparência. Assim como a virtude vale mais que a inocência, assim como tem mais mérito em cultivar um deserto que colher despreocupadamente em um pomar cheio de frutas, da mesma forma é verdadeiramente digno de uma alma eleita de se purificar e purificar o próximo pelo toque. Como não tem traição que se perdoe, não existe também falta em que não se possa absorver, nem esquecimento que não se preencha; é uma ciência amar o próximo e achar ele amável, como é uma sabedoria viver bem. Quanto mais um espírito é delicado, mais ele descobre belezas belas; quanto mais uma alma é jovem e aberta pra divina esperança, mais ela acha em outrem, por mais contaminado que esteja, motivos de amor; isso é a obra da caridade, e já se viu mais de uma viajante desolada e perdida nos desertos áridos da desilusão, reconquistar a fé e se enamorar mais perdidamente por aquilo que perdeu, com um tanto mais de razão porque ela possui agora a ciência de controlar a sua paixão e a da pessoa amada.

O rosto da Mme de Cosmelly foi se aclarando de pouco em pouco; sua tristeza irradiava esperança como um sol molhado,

e mal Samuel tinha terminado seu discurso, ela lhe disse com a vivacidade e o ardor ingênuo de uma criança:

—Será que é mesmo verdade, monsieur, que isso seja possível e que exista pros desesperados ramos assim fáceis de agarrar?

—Tô te falando madame!

—Ah! Que você me faria a mais feliz das mulheres, se se dignasse em me ensinar suas receitas!

—Não tem nada mais fácil ué! Replicou ele brutalmente.

No meio dessa marmelada sentimental, a confiança de fato surgia e tinha até mesmo unido a mão das duas personagens; tanto que depois de algumas hesitações e falsos recatos, que pareceram de bom augúrio pra Samuel, Mme de Cosmelly por sua vez lhe segredou o que começa assim:

—Eu entendo, monsieur, tudo, que uma alma poética, pode sofrer com esse isolamento, e o quanto a ambição, de um coração como o seu, deve se consumir rápido, na solidão; mas, as suas dores, que não pertencem senão a você, do tanto que eu pude distinguir, da pompa das suas palavras, de necessidades bizarras sempre insatisfeitas, e quase impossíveis de satisfazer. Você sofre, é verdade; mas, pode ser que sua sofrência, constitua sua grandeza, e que ela lhe seja tão necessária, quanto a felicidade pros outros. — Agora, você teria a bondade, de escutar, e simpatizar, com chagas mais fáceis de entender, — dores de gente do interior? Espero de você, monsieur Cramer, de você, o sábio, o homem de bom espírito, os conselhos, e até o socorro de um amigo.

—"Você sabe, que no tempo em que me conheceu, eu era uma bela menina, já um pouco sonhadora, que nem você, mas tímida, e muito obediente; que eu me olhava com menos frequência no espelho que você, e que hesitava, sempre, em comer ou a por

nos meus bolsos os pêssegos e as uvas, que você ardilosamente roubava pra mim, no pomar dos vizinhos. Eu nunca achava um gozo verdadeiramente prazeroso e completo, que não me fosse permitido, e gosto muito mais de abraçar um rapaz bonito, que nem você, na frente da minha velha tia, que no meio do campo. A coquetaria, e o cuidado que uma mulher tem que ter em sua personalidade, pra casar, só me vieram bem tarde. Quando aprendi, um pouco mais velha, a cantar uma peça no piano, me vestiam com mais seleção, me forçavam a me portar direito; me fizeram me exercitar, e me impediram de estragar minhas mãos plantando flores ou libertando pássaros. Podia ler outras coisas além de Berquin, e fui levada, muito bem vestida, a um teatro por ali pra assistir óperas horríveis. Quando M. de Cosmelly veio pro castelo, me vi presa numa amizade, viva como nunca; comparando sua juventude, florescente, com a velhice azeda da minha tia, eu o achava com o ar mais nobre, honesto, e ele sempre me tratava com a educação mais respeitosa. Depois, ele tinha, também, os traços mais belos: um braço quebrado, da vez que lutou com um amigo covarde, ao qual tinha entregado a honra de sua irmã, emprestava somas enormes a amigos sem nada; que sei eu? Tinha, com todo mundo, um ar, digamos, de comando, ao mesmo tempo afável e irresistível, que me domava por completo. Como tinha conduzido sua vida antes de aproxima-la da nossa no castelo; será que ele conhecia outros prazeres, além de caçar comigo, e cantar romances virtuosos ao som do meu malvado piano; teve ele outras mulheres? Eu não sabia de nada, e não pesava em descobrir. Me pus a ama-lo com toda a credulidade de uma jovem menina, que não teve tempo de comparar, e eu o despossei— isso encheu minha tia de um enorme prazer. Quando me tornei sua mulher, na frente de deus e da lei, amei ele ainda mais – Eu o amava muito, sem dúvida – Estava eu errada, estava eu certa? Quem podia saber? Eu estava alegre desse amor, estive errada, em ignorar que ele pudesse dar errado – Eu o conhecia bem, antes de desposa-lo? Não, sem dúvida. Mas me parecia que a gente não poderia acusar mais uma jovem honesta, que queria se casar, de fazer uma escolha imprudente, que outro louco, pra se tornar amante de um

estúpido. Uma e outra, — tristes que nós somos— são igualmente ignorantes. Falta pra essas tristes vítimas, que chamamos de meninas pra casar, uma educação vergonhosa, quero dizer, o conhecimento dos vícios de um homem. Eu queria que cada uma dessas pobrezinhas, antes de subir no altar, pudesse escutar, de um lugar escondido, o que dois homens fofocam da vida, e sobretudo das mulheres. Depois dessa primeira e horrível prova, elas poderiam se entregar com menos perigo, ao acaso terrível do casamento, conhecendo o forte e o fraco, de seus futuros tiranos.

Samuel não sabia muito bem onde aquela encantadora vítima queria chegar; mas começava a achar que ela falava demais de seu marido pra uma mulher desiludida.

Depois de ter feito uma pausa de alguns minutos, como se ela tomasse coragem pra pegar um caminho funesto, ela retomou assim:

Um dia, M. de Cosmelly quis voltar pra Paris; era preciso que eu brilhasse em meus dias e que fosse enquadrada, segundo meus méritos. "Uma mulher bela e instruída, dizia ele, tem que estar em Paris. É necessário que ela saiba posar pro mundo e iluminar com cada uma de suas alegrias o marido. Uma mulher que tem o espírito nobre e bom senso sabe que não existe glória em esperar aqui em aqui em baixo, ao menos que tenha parte na glória de seu companheiro de viagem, que ela prepare as virtudes do marido e sobretudo que ela não seja respeitada, ao menos que ela mereça." Sem dúvida, era o mais simples, e certo, de se fazer; obedecer quase com prazer; saber que meus esforços e obsessões me embelezariam a seus olhos, em um tiro certo, daí, nem seria preciso muito, pra me convencer a me aproximar de Paris, da qual eu tinha instintivamente medo, e onde o negro e ofuscante fantasma, vestido com o horizonte de meus sonhos, cerrava meu pobre coração de noiva. Era então esse, aparentemente, o verdadeiro motivo, de nossa viagem. A vaidade de um marido, faz a virtude de uma dama apaixonada.

Talvez ele mentisse pra si mesmo, com uma espécie de boa fé, e enganando sua consciência sem se importar. Em Páris, os dias eram reservados pros íntimos, no que M. Cosmelly se entediava, como se entediou de sua mulher. Talvez ele estivesse um pouco enojado dela, porque ela tinha muito amor; ela lhe despia todo seu coração. Ele se enojava de seus amigos, pela razão contrária. Não tinham mais pra lhe oferecer do que os prazeres ordinários, do blábláblá que não tinha paixão em nenhuma parte. Desde então, suas intenções tomaram uma outra direção. Depois dos amigos, vieram as corridas de cavalo, e o jogo. Os zumbidos do mundo, a vista daqueles que tinham permanecido, sem embaraço, e que sem cessar lhe contavam as lembranças de uma juventude louca e ocupada, afastaram-no da lareira e dos longos bate-papos. Ele, que nunca teve outro negócio senão com seu coração, passou a ter negócios... Rico e sem profissão, ele soube criar um monte de ocupações, sem sentido e frívolas, que preenchiam todo seu tempo; as perguntas de casamento: "Onde você vai? A que horas volta? Volta rápido!" Tive que reprimi-las, no fundo do peito; porque a vida inglesa – esse infarto – a vida dos bares e rolês, absorviam ele completamente. —O cuidado exclusivo de sua personalidade, e o dandismo que o afetavam, me chocaram, de uma só vez. Era evidente, eu já não era mais seu objeto. Eu queria fazer como ele, ser mais que bela, quero dizer coquete, coquete pra ele, como ele era pro mundo; antigamente eu oferecia tudo, eu dei tudo, eu queria agora me tornar freira. Eu queria reacender as cinzas da minha alegria apagada, agitando-as e revolvendo-as; mas, parece, que não tenho jeito pra manha e pro vício, ele nem se dignou em perceber. — Minha tia cruel, como todas as mulheres velhas e azedas, que são reduzidas a admirar um espetáculo onde antes eram atrizes, e a contemplar o gozo, que nós lhe recusamos, teve o maior cuidado de me fazer saber, pelo intermédio fascinado de um primo de M. de Cosmelly, que ele tinha se apaixonado por uma mulher, que era moda no teatro.

"Me forcei a ir em todos os espetáculos, e, em toda dama minimamente bela que entrava em cena, eu via minha rival.

Enfim, descobri, pela caridade do mesmo primo, que era a Fanfarrona, uma deusa tão bela quanto fera. —Você que é autor conhece ela sem dúvida.— Não sou muito vaidosa, nem orgulhosa de minha imagem; mas eu te juro, Monsieur Cramer, que inúmeras vezes, de noite, perto das três, ou quatro da manhã, os olhos roxos, de insônia e choro, depois de ter longamente orado, pro seu retorno à fidelidade e ao dever, eu perguntava pra deus, pra minha consciência, pro meu espelho, se eu era tão bela, quanto aquela miserável Fanfarrona. Meu espelho, e minha consciência, me respondiam: Sim. Deus me proibiu o prazer, mas, não de conseguir uma legítima vitória. Por que, entre duas beldades iguais, os homens preferem mais a flor cheirada por muitos, àquela que fica sempre guardada nos cantos mais obscuros do Jardim Conjugal? Por que então, as mulheres sortudas nos corpos, tesouro do qual um só sultão deveria ter a chave, possuem mais adoradores que nós, infelizes mártires de um único amor? De que charme tão mágico o vício ilumina certas criaturas? Qual o aspecto sinistro, e repulsivo, sua virtude dá a outras? Responde, portanto, você, que, por estado, deve conhecer todos os sentimentos da vida, e sua razão diversa!

Samuel não teve tempo de responder, porque ela continuou ardorosamente

"M.de Cosmelly tem coisas que lhe pesam muito a consciência, se a perda de uma alma jovem e virgem interessa ao deus que a criou. Se M. de Cosmelly morresse, essa tarde mesmo, ele estaria cheio de perdões pra implorar; porque ele esteve, por culpa sua, ensinando à sua mulher o horror dos sentimentos, o ódio, o desfalecimento do objeto amado, e a sede de vingança; Ah! Monseieur, eu passo noites das mais dolorosas, insônias inquietas: eu oro, eu amaldiçoo, eu blasfemo. O padre me disse que se deve carregar a cruz, com resignação. Mas o amor demente, a fé abalada, não sabem se resignar. Meu confessor não é uma mulher, e eu amo meu marido: eu o amo, monsieur, com toda a paixão, e toda a dor, de uma amante espancada por pontapés. Não tem nada, que eu não tenha tentado. Ao invés

das roupas sombreados e simples, com os quais ele se comprazia antes, eu usei os vestidos loucos e suntuosos, como os das mulheres do teatro. Eu, a casta esposa, que ele achou no fundo de um pobre castelo, usei diante dele vestidos de uma qualquer; fiz-me espiritual e jovial, tendo a morte no coração. Eu enchi de lantejoulas meu desespero de sorrisos cintilantes. Infelizmente, não se viu nada! Eu usei batom, monsieur, eu usei batom! — Você vê, é uma história banal, a história de todas as infelizes—Um romance, de província!

Enquanto a dama soluçava, Samuel encenava a figura do Tartufo empunhada por Orgon, o esposo inesperado, que se lança do fundo de seu esconderijo, como os virtuosos soluços daquela dama que se lançavam de seu coração, que vem buscar consolo no colo hipócrita e vacilante de nosso poeta.

O abandono extremo, a liberdade e a confiança de madame de Cosmelly tinham prodigiosamente lhe encorajado—sem o espantar. S. Cramer, que frequentemente espantou o mundo, não se espantava nem um pouco. Ele parecia querer pôr em prática na sua vida e demonstrar a verdade desse pensamento de Diderot: "A incredulidade é de alguma forma o vício de um idiota, e a credulidade o defeito de um homem de espírito. O homem de espírito vê longe na imensidão de possibilidades. O idiota não vê quase nada de possível dentro do que é. É isso, quem sabe, que faz de um covarde e do outro temerário" Isso responde a tudo. Qualquer leitor cuidadoso e apaixonado pela verdade verossimilhante encontrará sem dúvida muito o que dizer sobre essa história, onde portanto eu não tenho outra tarefa que trocar os nomes e acentuar os detalhes; como, diriam eles, Samuel, um poeta de tom malvado e de costumes malditos, pode se aproximar tão prestemente de uma mulher como madame de Cosmelly? Jorrar-lhe, sobre um romance de Walter Scott, um tanto de poesia romântica e banal? Madame de Cosmelly, a discreta e virtuosa esposa, também lhe verteu prontamente sem pudor e deficiência o segredo de suas dores? Ao que respondo que Mdm de Cosmelly era simples como uma bela alma e que Samuel era ousado como a mariposa, o besouro

e o poeta; se lançava sempre ao fogo e entrava em todas as janelas. O pensamento de Diderot explica porque um era tão abandonado e o outro tão brusco e imprudente. Ele explica também todos os lapsos que Samuel cometeu na vida, lapsos que um idiota não teria cometido. Essa porção do público que era essencialmente covarde não entendia nem um pouco a pessoa de Samuel, que era mesmo crédula e imagética, a ponto dele acreditar—como poeta, em seu público— como homem, em suas próprias paixões.

De tempos ele percebeu que essa mulher era mais forte, mais dura do que aparentava, e que não se devia bater de frente com aquela cândida piedade. Desfiava-lhe de novo seu jargão romântico. Envergonhado de ter sido besta, quis ser castigado; Ele lhe fala ainda um tempo, em língua de pastor, sobre cauterizar ou fechar suas feridas através da abertura de outras, maiores e que sangram mais. Qualquer um que tenha querido, sem ter em si a força absoluta de Valmont ou Lovelace, possuir uma mulher honesta que não se preocupava nem um pouco, sabe com que risível e enfático mal jeito cada um de nós diz, revelando o coração: toma meu urso; — isso me dispensa de lhes dizer quanto Samuel foi besta—Mdm de Cosmelly, essa amável Elmira que tinha o lance de olhos claro e prudente da virtude, viu de pronto o que ela podia arrancar desse ladrãozinho, pra sua alegria e honra do marido. Ela o pagou então com a mesma moeda; ela deixa suas mãos serem apertadas; se fala de amizade e de coisas platônicas. Ela murmura a palavra vingança; diz que, nessas dolorosas crises na vida de uma mulher, a gente deve se voluntariar a vingar o resto de coração que a perfídia bem quis que ficasse—e outras ninharias e malvadezas dramáticas. Resumindo, ela se fez de coquete por um bom motivo, e nosso jovem castigado, que era mais um simplório que um sábio, prometeu arrancar a Fanfarrona de M. de Cosmelly, e de lhe desembaraçar de ser cortesã,— esperando achar nos braços da mulher de honra a recompensa por um trabalho assim de mérito.— Apenas os poetas são assim tão puros pra afinarem tais monstruosidades.

Um detalhe bem cômico dessa história, e que serve de intermediário no doloroso drama em que se jogaram essas 4 personagens, foi a confusão dos sonetos de Samuel; porque, em negócio de soneto, ele era incorrigível,— um pra madame de Cosmelly, onde louvava em estilo místico sua beleza de Beatrix, a voz, a pureza angelical de seus olhos, o seu rebolado no andar ,etc , o outro pra Fanfarrona, onde servia um tiragosto de galantarias apimentadas pra fazer subir o sangue ao paladar dos menos jovens, gênero de poesia que, do resto, era onde se saia melhor, e onde ultrapassou desde cedo todas as andaluzices possíveis. A primeira parte chega na casa da criatura que joga os restos de comida no cinzeiro; a segunda, na casa da pobre desleixada, que abrindo de uma vez os grandes olhos, termina por compreender, e malgrado suas dores, não pode se colocar a rir aos berros, como teria feito em tempos melhores.

Samuel foi pro teatro e se pôs a estudar a Fanfarrona sobre os palcos. Ele acha ela leve, magnífica, vigorosa, cheia de gosto em seus enfeites, e julga M. de Cosmelly bem sortudo por poder se arruinar por um pedacinho de céu desses.

Ele apareceu 2 vezes na casa dela—uma mansãozinha de escadas aveludadas, cheia de portinholas e tapetes, em um quarto novo e verdejante; mas não podia entrar sem um pretexto razoável. Uma declaração de amor lhe parecia profundamente inútil e mesmo perigosa. Um fracasso o impediria de voltar lá. Quanto a ser apresentado, soube que a Fanfarrona não recebia ninguém. Alguns íntimos iam lá de tempo em tempo. Quê que ele ia dizer ou fazer na casa de uma dansarina⁴ magnificamente remunerada e mantida, e adorada pelos amantes? Que lhe traria, ele que não era alfaiate, nem era costureira, ou mestre de cerimônias e milionário? Ele tomou então um partido simples e brutal; faria a Fanfarrona vir até ele. Naquela época os artigos críticos tinham muito mais valor do

⁴ Com “s” mesmo. Assim parece que a palavra dança mais. Se não me engano, foi mesmo Guimarães Rosa que disse uma coisa meio assim. {n.t.}

que agora. A facilidade do folhetim, como disse recentemente um bravo advogado em um caso tristemente célebre, era bem mais popular do que hoje; alguns talentos talvez se renderam aos jornalistas, a insolência dessa juventude burra e aventureira não conhece mais limites. Samuel decidiu então, — ele que não sabia nada de música,— a especialidade dos musicais.

Desde então, a Fanfarrona foi semanalmente arrasada num canto de algum folhetim importante. A gente não podia nem dizer nem suspeitar mesmo que ela tivesse a perna, o cabelo ou o joelho ridículos; os músculos brincavam sob a meia, e todos os binóculos teriam clamado blasfêmia. Ela foi acusada de ser brutal, comum, sem gosto, de querer importar pro teatro os hábitos do além Reno e além-Pirineus, castanhetas, esporas, saltos nas botas— sem contar que ela bebia como uma lagartixa, e gostava demais mais dos cachorrinhos e da filha do porteiro— e outras linhas salgadas pela vida íntima, que são a fartura e a guloseima diárias de certos pequenos jornais. O truque era opor, com aquela técnica peculiar aos jornalistas, que consistia em comparar coisas desiguais, uma dansarina etérea, sempre vestida de branco, e onde os castos movimentos deixavam toda a consciência em repouso. Algumas vezes, a Fanfarrona chorava e ria bem alto depois de concluir um salto na rampa; ousava dansar caminhando. Nunca ela usava esses insípidos vestidos de gaze, que mostram tudo e não revelam nada. Ela adorava tecidos barulhentos, saias longas, crepitantes, paetês, ..*, que é preciso levantar bem alto com um joelho bem forte, as camisas de saltimbanco; ela dansava, não com a brincos, mas com pingente; ousaria dizer lustres, quase. Ela teria prazerosamente prendido em baixo da saia um monte de pequenos fantoches bizarros, como faziam as ciganas das antigas, que liam a sorte com um quê ameaçador, e que a gente encontra em pleno meio dia sob o arco de alguma ruína romana; todas as estranhezas, no fim, pelas quais o romântico Samuel, um dos últimos românticos que a França possuía, enlouquecia.

Mesmo que ele viesse falando mal da Fanfarrona por 3 meses, se apaixonou desesperadamente, e ela quis enfim saber qual era o

monstro, o coração de arame, o cuzão, o pobre de espírito que negava com tanta insistência a nobreza do gênio dela.

É preciso restituir essa justiça à Fanfarrona, que não tinha dentro dela nenhuma curiosidade, nada demais. Será que esse homem tinha mesmo o nariz no meio da cara; era normal como o resto de seus iguais? Quando ela conseguiu uma ou duas informações sobre Samuel Cramer,— ela soube que se tratava de um homem como qualquer outro, de alguma sensibilidade e talento—percebeu vagamente que tinha qualquer coisa escondida, e que aquele artigo terrível de segunda poderia não ser mais que uma espécie peculiar de buquê semanal ou o cartão de visitas de um opinador solícito.

Ele a encontrou uma noite em seu camarim. Dois grandes castiçais e uma vasta lareira tremeluziam nos trajes coloridos esparramados pelo lugar.

A rainha do lugar, na hora em que saía do teatro, retomava um ar de simples mortal e, agachada em uma cadeira, calçava sem pudor sua perna adorável; suas mãos, grossamente finas, faziam brincar pelos ilhoses o cadarço do coturno qual ágil lançadeira, sem pensar na anágua que deveria abaixar. Aquela perna já era, pra Samuel, objeto de eterno desejo. Longa, fina, forte, grasse e nervosa ao mesmo tempo, ela tinha toda a simetria do belo e todo atrativo libertino do que é lindo. Cortada perpendicularmente no lugar mais largo, essa perna daria uma espécie de triângulo cujo topo estaria situa sobre a tíbia, e cuja linha arredondada da panturrilha formaria a base convexa. Uma perna verdadeiramente masculina é muito dura, e as pernas femininas nos pasteis de Devéria são muito moles pra nos dar uma noção.

Nessa agradável atitude, sua cabeça, inclinada perto de seu pé, exibía um pescoço militar, largo e forte, e revelava os sulcos das omoplatas, revestidos por uma pele morena e abundante. Os cabelos pesados e estufados caíam em dois lados, lhe roçando o seio e lhe absorvendo os olhos, de forma que a cada instante ele

se desarrumava e se lançava pra trás. Uma impaciência rebelde e charmosa, como a de um menino mimado que percebe que aquilo vai demorar, remexia toda a criatura e suas roupas, e descobria a cada instante de novo olhar, novos efeitos de linha e de cor.

Samuel para com respeito, — ou finge parar com respeito; pois, nesse homem diabólico, o problema é sempre saber onde começa o ator.

—Ah! Você voilà, monsieur! Lhe diz ela sem se incomodar, ainda que tivesse sido prevenida alguns minutos antes da visita de Samuel— Você tem qualquer coisa pra me dizer, né?

A cara de pau sublime dessa fala tomou conta do pobre coração de Samuel; ele tinha conversado como um piegas romântico durante oito dias com Mdm. De Cosmelly; aqui, ele respondeu tranquilamente:

—Sim, Madame.

E lágrimas lhe vieram aos olhos.

Ela caiu direitinho; a Fanfarrona sorri.

—Mas que inseto te picou, monsieur, pra me morder com tão*...? Que trabalho horroroso...

—Horroroso mesmo, Madame... é que eu te adoro.

—Eu já desconfiava, diz a Fanfarrona. Mas você foi um monstro; essa tática é abominável. — Pobre da gente que é mulher! Acrescenta rindo.— Flora, minha pulseira.— Me dê o braço até meu carro, e me diz se eu fui bem hoje a noite?

Eles foram assim, braço em cima, braço embaixo, como 2 velhos amigos; Samuel amava, ou pelo menos sentia seu coração bater forte.— Poderia ser que estivesse estranho, mas com certeza desse vez ele não pagava mico.

No seu gozo, ele quase que tinha esquecido de avisar Mdm. De Cosmelly sobre seu sucesso, e de levar esperança pro seu deserto seco.

Alguns dias depois, a Fanfarrona encenava o papel de Colombina em uma enorme pantomima feita pra ela por pessoas de bom-gosto. Ela aparecia através de uma agradável sucessão de metamorfoses, sob as personagens de Colombina, Marguerita, Elvira e Zeferina, e recebia, mais alegre do que todos, os beijos de diversas gerações de pessoas que pertenciam a países da mais exótica literatura. Um grande músico não desprezaria a ideia de lhe compor uma fantástica obra apropriada a bizarria desse sujeito. A Fanfarrona foi de pouco em pouco descendo, sonhadora, louca, alegre; ela fazia sublime em sua arte, tão atriz pelas pernas quanto dansarina pelos olhos.

Cá entre nós, a gente despreza mesmo a arte da dança, isso seja dito de passagem. Toda pessoa famosa, a começar por aqueles das antigas, aqueles da Índia ou Arábia, cultivavam de igual maneira a poesia. Pra certas organizações pagãs no entanto, a dança tá tão acima da música quanto o visível e o criado estão acima do invisível e incriado. Somente eles podem entender quando eu digo que a música possui um quê de pintura. A dança pode revelar tudo aquilo que a música tem de misterioso, e ela possui mais o mérito de ser humana e palpável. A dança é poesia com braços e pernas, é a matéria, graciosa e terrível, animada, decorada pelo movimento. — Terpsícore é uma Musa do meio dia; imagino que ela fosse bem melancólica, e que ela frequentemente agitou seus pés no trigo dourado; seus movimentos, cheios de um ritmo preciso, são tão divinos quanto os motivos na estátua. Mas Fanfarrona a católica, não contente de ser rival de Terpsícore, apela pro socorro das artes as mais modernas. A neblina se mescla de formas das menos vaporosas e indolentes fadas e ondinas. Ela era a um só tempo um capricho de Shakespeare e uma arlequina italiana.

O poeta estava pasmo; ele acreditou ter diante dos olhos seu sonho de infância. Achava, naquele camarim, tranquilamente e

de forma ridícula, a alegria; e tinha fechado, nessa embriaguez louca que o dominava, a cabeça pra qualquer outra coisa.

Um cabriolé baixo e bem firme carregava rapidamente o poeta e a dansarina pra mansãozinha da qual falei.

Nosso homem exprimia sua admiração através de beijos mudos, que ele lhe aplicava sobre os pés e mãos. — Ela também o admirava fortemente, não que ela ignorasse o poder de seu encantos, mas nunca tinha visto um cara tão bizarro, e uma paixão assim tão elétrica.

O tempo estava escuro como uma tumba, e o vento, que embalava lufadas de nuvem, fazia fluir do sussurro deles um aguaceiro de granizo e chuva. Uma tempestade fazia tremer os tetos e gemer os campanários. O riacho, leito fúnebre onde se metem os bilhetes doces e as orgias da vigília, carregava borbulhante seus mil segredos pro esgoto. A mortalidade abatia alegremente sobre os hospitais, e os Chatterton dos Selvagens da rua Saint-jacques crispavam seus dedos sobre as mesas — quando o homem mais falso, mais egoísta, mais sensual, mais guloso, mais espiritual de nossos amigos tem a sua frente uma soberba janta, acompanhada de uma das mais belas mulheres que a natureza já formou para o prazer dos olhos. Samuel quis abrir a janela pra lançar um olhar de vencedor sobre a vila maldita, depois reduz à sua vista as diversas felicidades que estavam ao seu lado, se apressa em gozar delas.

Em companhia de tais coisas, ele devia estar eloquente; também, apesar da sua testa muito grande, seus cabelos que nem uma floresta virgem e seu nariz de prisioneiro, a Fanfarrona até que achava ele bonitinho.

Samuel e a Fanfarrona tinham exatamente as mesmas ideias sobre a comida e o sistema de alimentação necessário às criaturas da elite. As carnes podres, os peixes sem sabor estavam excluídos dos jantares dessa sereia. O champanhe raramente desonrava sua mesa. Os Bordeaux mais famosos e

perfumados, cediam lugar a um batalhão pesado e cheio de Borgonha, de vinhos da Auvérnia, do Anjou e do Midi, de vinhos estrangeiros, alemães, gregos, espanhóis... Samuel costumava dizer que uma taça de um verdadeiro vinho devia se parecer com um cacho de uvas pretas, e que tinha nele tanto de comer como beber— A Fanfarrona amava as carnes que sangravam e os vinhos que carregavam a embriaguez.— De resto ela nunca se embriagava.— Ambos tinham uma estima sincera pelas trufas—As trufas, essa vegetação surda e misteriosa de Cibele, doença saborosa que ela escondeu em suas entranhas mais tempo que o metal mais precioso, esse esquisito material que desafia a ciência da agronomia, como o ouro aos Paracelsos da vida ; as trufas, que diferenciam o mundo antigo do moderno⁵, e que, antes de um copo de Quio, têm o efeito de vários zeros depois de um algarismo.

Quanto ao quesito dos molhos, guisados e temperos, quesito grave e que demandaria um capítulo sério, como num folhetim de ciência, posso lhes afirmar que eles estavam perfeitamente de acordo, sobretudo a respeito da necessidade de chamar tudo de a farmácia da natureza aos cuidados da cozinha. Pimentas, pós ingleses, substâncias estrangeiras, temperos exóticos, tudo lhes parecia bom, veja o almíscar e o incenso. Se Cleopatra ainda fosse viva, tenho certeza que ela gostaria de preparar uns steaks ou veados com perfumes da Arábia. Sem dúvida, é de se lamentar que os cozinheiros de hoje não sejam obrigados, por uma lei particular e voluptuosa, a conhecer as propriedades químicas dos materiais, e não saibam descobrir, pros casos necessários, como aquele de uma festa adorável, alimentos quase inflamáveis, prontos pra percorrer o sistema orgânico, como o ácido de cianeto, volátil como o éter.

Curioso, esse acordo de opiniões pro bem dos que vivem, essa semelhança de gostos fez com que eles se amarrassem um no outro; esse entendimento profundo da vida sensual, que

⁵ As trufas romanas eram brancas e de uma outra espécie {n.a}

brilhava em cada olhar ou fala de Samuel, impressiona bastante a Fanfarrona. Essa fala tão brutal como uma chifrada, quanto delicada ou perfumada como uma flor, toda essa causação misteriosa, de qual só ele sabia o segredo, terminavam por lhe garantir as atenções dessa charmosa mulher. De resto, isso não seria nada demais sem uma viva e profunda satisfação que ele reconhecia, ao examinar do quarto à cama, uma perfeita reunião de gostos e sentimentos do mobiliário e das construções interiores. Cramer odiava profundamente, e ele tinha, segundo penso, muita razão, as linhas retas e direitas em matéria de apartamentos e a arquitetura importada pros lares. As salas imensas dos castelos velhos me metem medo, e imagino que as castelãs fossem proibidas de fazer amor nos grandes dormitórios que tinham um ar de tumba, nos vastos cadafalsos que, apelando, se chamavam de cama, sobre os grossos monumentos que levavam o pseudônimo de cadeira. Os apartamentos da Pompéia são grandes como a mão; as ruínas Indianas que cobrem o lado de Malabar apresentam o mesmo sistema. Essas grandes pessoas voluptuosas e sábias conhecem perfeitamente a questão. Os sentimentos íntimos não se recolhem ao prazer senão em um espaço bem apertado.

O quarto da Fanfarrona era então bem pequeno, de teto baixo, entulhado de coisas fofas, perfumadas e perigosas de tocar; o ar, carregado de miasmas bizarros, dava vontade de morrer lentamente como em uma estufa quente. A claridade da lâmpada se lançava em uma confusão de rendas e estofos de uma cor violenta, mas equívoca. Aqui e ali, ela iluminava algumas pinturas de uma sensualidade espanhola; carnes muito brancas sobre fundos muito pretos. É no fundo dessa encantadora espelunca, ao invés do terreiro ou do santuário, que Samuel via se aproximar a nova deusa de seu coração, no esplendor radiante e mágico de sua nudez.

Qual o homem que não quer, mesmo pelo preço da metade de seus dias, ver seu sonho, seu verdadeiro sonho, sem ser roubado se por em sua frente, e o fantasma adorado de sua imaginação tombar uma a uma todas as roupas destinadas a proteger contra

os olhos do vulgo? Mas voilá que Samuel, agarrado por um capricho bizarro, se mete a chorar como criança mimada; — Quero Colombina, me dá Colombina; mostra ela pra mim tal qual ela apareceu na noite em que ela me deixou louco com seus enfeites fantásticos e suas camisas de saltimbanco!

A Fanfarrona, admirada de início, bem que quis se prestar a excentricidade do homem que ela tinha escolhido, e Flora foi chamada; por mais que essa última se queixasse que eram 3 da manhã, que o teatro estava tudo fechado, o zelador, dormindo, o tempo, pavoroso, — a tempestade continuava barulhenta— foi necessário obedecer àquela que por sua vez obedecia, e a camareira saiu; quando Cramer, pego por uma nova ideia, esgoelou como campainha e gritou com uma voz tonitruante;

—Ei! Não esquece o Batom!

Esse traço característico, que tinha sido contado pela própria Fanfarrona, uma noite em que seus camaradas lhe interrogaram sobre o começo de sua relação com Samuel, não me admira em nada; eu bem que reconheci nisso o autor dos Xôfrangos. Ele sempre amará o vermelho e o cereja, dos ônix e dos ouropéis de toda espécie. Ele repintaria com prazer o céu e as árvores, e se deus tivesse lhe confiado o plano da natureza, teria talvez o estragado.

Ainda que Samuel tivesse a imaginação depravada, e talvez por causa disso mesmo, o amor era nele menos um affaire de sentidos do que da razão. Era sobretudo a admiração e o apetite pelo belo; Ele considerava a reprodução como um vício do amor, grosseira como uma doença de aranha. Tinha escrito em algures: os anjos são hermafroditas e estéreis. — Ele amava um corpo humano como uma harmonia material, como uma bela arquitetura, mais o movimento; e esse materialismo absoluto não tava longe do idealismo mais puro. Mas como no belo, que é a causa do amor, existiam segundo ele 2 elementos: a linha e a atração— e que tudo isso não diz respeito senão a linha—a atração pra ele, naquela noite ao menos, era o vermelho.

A Fanfarrona resumia então a linha e a atração pra ele, e quando, sentado na borda da cama, na despreocupante e vitoriosa calma da fêmea amada, as mãos delicadamente posadas sobre ele, ele a olhava, e parecia ver o infinito atrás dos olhos claros dessa beleza, e o seus acabavam flutuando em horizontes imensos. De resto, como acontece com os homens excepcionais, ele estava frequentemente só em seu paraíso, ninguém podia habita-lo com ele; e se, por acaso, ele a raptasse e arrastasse quase à força, ela sempre ficava pra trás; assim, no céu onde ele reinava, seu amor começava a ficar triste e doente, de uma azul melancolia, como a de um rei solitário.

No entanto, ele jamais se entediou dela; jamais, deixando seu reduto amoroso, pisando lentamente uma calçada, ao ar fresco da manhã, ele não sentia esse gozo egoísta do cigarro e das mãos nos bolsos, do qual nos fala em qualquer parte nosso grande romancista moderno.⁶

No lugar do coração, Samuel tinha a nobre inteligência, e, no lugar da ingratidão, o gozo tinha criado nele esse contentamento saboroso, esse sonho sensual, que vale talvez mais do que o amor pra gente vulgar. De resto, a Fanfarrona tinha feito seu melhor, e dispensado seus mais hábeis carinhos, tendo percebido que esse homem valia a pena; ela estava acostumada a essa linguagem mística, colorida por impurezas e enormes cruezas; isso tinha pra ele ao menos a atração da novidade.

A cabeçada da dansarina tinha provocado seu ruído. Existia mais descanso nas peças em cartaz; ela tinha negligenciado as repetições; muita gente invejava Samuel.

Uma tarde em que o acaso, o tédio de M. Cosmelly ou um truque de sua esposa, os reuniu na lareira—depois de um daqueles longos silêncios que tem lugar entre os casais, onde não se tem mais nada pra dizer e muito pra esconder—depois de ter lhe

⁶ O autor de “A menina dos olhos de ouro” {n.a.} (Balzac)

feito o melhor chá do mundo, em um bule tão modesto quanto rachado, talvez vindo do castelo de sua tia—depois de ter cantando uma música no piano, na moda há uns 10 anos—ela lhe disse com a voz doce e prudente da virtude que quer se render amavelmente e teme assustar o objeto de sua afeição—que ela se queixava muito, que ela tinha chorado muito, mais por ele do que por ela mesma, que ela ao menos tinha querido, na sua resignação sumida e devota, que ele pudesse achar alhures em outras o amor que não dizia respeito mais a sua mulher; que ela tinha sofrido demais de o ver enganado e abandonado; que além do mais tinha muito de sua própria culpa, que ela tinha se esquecido dos seus deveres de recatada esposa, e não avisado seu marido do perigo; que, de resto, ela tava pronta pra fechar essa ferida sangrenta e ser só ela a culpado por uma imprudência cometida por 2,etc.— e tudo aquilo que pode sugerir palavras doces —Ela chorava, e chorava mesmo; o fogo iluminava suas lágrimas e seu rosto embebido pela dor.

M.Cosmelly não disse uma palavra e saiu. Os homens pegos na armadilha de sua falta não gostam de fazer à clemência oferta de seus remorsos. Se ele fosse parar na casa da Fanfarrona, sem dúvida acharia vestígios de desordem, bitucas de cigarro e folhetins.

Uma manhã, Samuel foi acordado pela voz muda da Fanfarrona, e leva lentamente sua cabeça cansada de travesseiro pro colo dela, pra ler uma carta que ela tinha lhe entregado:

"Obrigado, Monsieur, mil vezes obrigado! Minha felicidade e meu reconhecimento lhe serão descontados em um mundo melhor. Eu aceito. Recuperei meu marido das mãos dela, e mandei ele aquela noite ainda pra nossa terra em C***, onde vou reencontrar a santidade da vida, que eu te devo. Receba, monsieur, a promessa de uma amizade eterna. Eu sempre te acreditei um homem muito honesto pra querer outra coisa que apenas uma amizade."

Samuel, enfiado na renda e apoiado em uma das mais frescas e belas espáduas que pode se encontrar por aí, sentiu vagamente que ele foi um brinquedo, e tinha qualquer pena pra reunir na sua memória os elementos da intriga da qual ele tinha trago o desenlace; mas ele diz pra si tranquilamente; — Serão nossas paixões sinceras? Quem pode saber ao certo o que quer e conhecer ao certo o barômetro de seu coração?

"— Quê que você tá murmurando aí? O quê que é isso aí hein? Quero ver, diz a Fanfarrona.

—Ah, nada—fez Samuel. — Uma carta de uma mulher aí, honesta; pra qual eu prometi ser teu amante.

—Você me paga! Disse ela mordendo as palavras.

É provável que a Fanfarrona tivesse amado Samuel, mas com aquele amor que conhece poucas almas, com um rancor no fundo. Quanto a ele, foi punido por onde tinha pecado; ele tinha frequentemente zuado a paixão; foi obrigado a conhece-la; mas esse não foi nem um pouco um amor tranquilo, calmo e forte que inspira as meninas honestas, esse foi o amor terrível, desolado e horroroso, o amor doente das cortesãs. Samuel conhecia as torturas da felicidade, e a redução e tristeza onde nós lançamos a consciência de um mal incurável e constitucional,— em breve, todos os horrores daquele casamento, gasto pelo vício, que a gente chama de concubinato; quanto a ela, ela engorda mais a cada dia; se tornou uma beleza gordurosa, limpa, lustrada e rosada, uma espécie de cocota ministerial. Qualquer dia desses vai fazer a comunhão pascal e levar pão bento à sua paróquia. Por essa época talvez, Samuel, morto em serviço, esteja encostado na parede, como ele dizia nos bons tempos, e a Fanfarrona, com seus ares de igreja, virará ao avesso a cabeça de um jovem herdeiro. — Esperando, ela aprende a fazer crianças; acaba de dar alegremente luz a gêmeos.

— Samuel publicou 4 livros de ciência: um sobre os 4 evangelistas—outro sobre a simbologia das cores—um memorando sobre os novos sistemas de anúncio—e um quarto

cujo o título eu não quero lembrar. Isso é o que tem de mais abominável nesse último, é que ele é ousado, enérgico e curioso. Samuel teve o topete de colocar como epígrafe: *Auri sacra fames!*⁷ —A Fanfarrona quer que o amante pertença ao instituto, e causa no ministério pra que ele receba a cruz de honra.

Pobre cantor dos Xôfrangos! Pobre Manuela de Monteverde! —Decaiu muito.— Soube recentemente que estava fundando um jornal Socialista, e que queria ingressar na política— Desonesta inteligência!— como diria o M. Nisard.

⁷ Frase de Virgílio: *Maldita (Sagrada) fome de ouro*. O adjetivo “sacra” em latim tem 2 significados. Pode ser tanto “sagrado” como “maldito”. {n.t.}

Título original francês:
La Fanfarlo

© copyrights são um crime as
palavras estão na boca de todos
e assim devem permanecer

Tipologia: Georgia
Papel: Offset
Edição: primeira
Exemplar: